

NOS PASSOS DO CONCÍLIO

Igreja: sempre chamada a evangelizar

In the steps of the council - Church: always called to evangelize

José Ulisses Leva*

RESUMO

A Igreja é chamada a evangelizar as pessoas em todas as partes do mundo, à luz do Evangelho de Jesus Cristo. Passados os primeiros 10 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, encerrado em 1965, o Papa São Paulo VI, em 08 de dezembro de 1975, entregou à Igreja a Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi. Uma década após o Concílio Ecumênico, a Igreja sentiu necessidade de orientar e nortear a barca do Redentor e Salvador, presente na sociedade. A Esposa de Cristo, em tempos de compreensão e adaptação às novas orientações pastorais, buscava entendimento, seguridade e firmeza, no bem conduzir os fiéis. É próprio da missão da Igreja evangelizar todas as pessoas. “Ide a todos e a todos evangelizai” (Mc 16, 15). Após 45 anos da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, estamos vivendo o mesmo entusiasmo na evangelização? A Boa Nova de Cristo Jesus está sendo proclamada com a mesma alegria que motivava os primeiros cristãos? A sociedade recebe com vigor renovado a eterna novidade apresentada pelo Bom Pastor? O Artigo tem por escopo celebrar as efemérides da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi e reafirmar nosso comprometimento, como cristãos, no empenho sempre renovado, em apresentar Jesus Cristo a todos que ainda não O conhecem, e, ao mesmo tempo, animando aqueles que já O seguem cotidianamente.

Palavras-chave:

Jesus Cristo; Igreja;
Evangelização; sociedade.

ABSTRACT

The Church is called to evangelize people in all parts of the world in the light of the Gospel of Jesus Christ. After the first 10 years of the Second Vatican Ecumenical Council, which ended in 1965, Pope Paul VI, on December 8, 1975, delivered to the Church the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi. A decade after the Ecumenical Council, the Church felt the need to guide and guide the barge of the Redeemer and Savior, present in society. The Wife of Christ, in times of understanding and adaptation to the new pastoral orientations, sought understanding, security and firmness, in the good to lead the faithful. It is proper to the Church's mission to evangelize all people. “Go to all and to all evangelize” (Mk 16:15). After 45 years of the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi, we are living the same enthusiasm in evangelization? Is the Good News of Christ Jesus proclaimed with the same joy that motivated early Christians? Does society receive with renewed vigour the eternal newness presented by the Good Shepherd? The article aims to celebrate the ephemeris of the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi and reaffirm our commitment, as Christians, to the ever renewed commitment to present Jesus Christ to all who do not yet know Him, and at the same time, animating those who already follow Him daily.

Keywords: Jesus Christ;
Church; Evangelization;
Society.

*Faculdade de Teologia da
PUC-SP - Departamento de
Sistemática. Contato: juleva@
puccsp.br

Enviado em
06.07.2020
Aprovado em
19.08.2020



INTRODUÇÃO

Nos passos do Concílio Ecumênico Vaticano II (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1986) será o objetivo central da argumentação. Nesse ano de 2020, estamos celebrando seus 55 anos. O evento eclesiológico do século XX marcou profundamente o diálogo e a presença da Esposa de Cristo na sociedade. Foi, entre 1962 e 1965, e está sendo no presente, um ganho enorme para a Igreja de Cristo Jesus. A eclesiologia do século XX está continuamente viva e assegurada entre os membros batizados em nome da Trindade Santa, enviados em contínua missão e em saída permanente.

Passados os primeiros 10 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, encerrado em 1965, o Papa São Paulo VI, em 08 de dezembro de 1975, entregou à Igreja a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. (EN, 1997). Como escopo será apresentar a Igreja pós conciliar e, sua acolhida de pronto do Documento do Magistério; e, averiguar como buscou colocá-lo em prática, em tempos difíceis de acomodação, ao conhecido e emblemático termo do “*aggiornamento*”. Adaptar a Igreja de Cristo Jesus presente e atuante no mundo contemporâneo.

Uma década após o Concílio, a Igreja sentiu necessidade de orientar e nortear a barca de Cristo presente na sociedade. A Esposa de Cristo, em tempos de compreensão e adaptação às novas orientações pastorais, buscava entendimento, seguridade e firmeza, no bem conduzir os fiéis o que é próprio da missão, evangelizar todas as pessoas. O mandato do Senhor sempre foi presente: “Ide a todos e a todos evangelizai” (cf Mc 16, 15).

Sempre firmes nos passos do Concílio Ecumênico Vaticano II e após 45 anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, estamos vivendo o mesmo entusiasmo na evangelização? A Boa Nova de Cristo Jesus está sendo proclamada com a mesma alegria que motivava os primeiros cristãos e os seguidores do Redentor em outros tempos? A sociedade contemporânea do século XXI está recebendo com vigor renovado a eterna novidade apresentada pelo Bom Pastor?

O Artigo aborda três momentos para identificar, mostrar e propor a Igreja sempre chamada a evangelizar. A princípio apresenta as propostas do Sínodo ocorrido em 1974. O Papa São Paulo VI indagou os padres sinodais a se posicionarem favoravelmente ao apelo de Cristo Jesus a uma Igreja *ad gentes*.

Ainda encontramos vitalidade na proposta e entusiasmo no encontro com o Evangelho do Redentor? Em um segundo momento, indica alguns números da Exortação Apostólica, apresentando um itinerário de leitura indagando, ao mesmo tempo, o caminho percorrido da Assembleia Sinodal e a riqueza dos frutos colhidos no encontro com os Bispos e o Sumo Pontífice. O terceiro e último momento reflete quais foram os passos da Exortação Apostólica até os nossos dias. Regredimos, estacionamos ou avançamos no bom propósito em anunciarmos Jesus Cristo às pessoas do nosso tempo? As circunstâncias se alteram, as ciências avançam, as pessoas buscam novas alternativas quanto aos valores da vida e da Fé. Somos de Cristo Jesus. Em meio ao mundo em que vivemos nós devemos apresentá-Lo sempre, a partir da Sua Boa Nova. O Evangelho de Jesus Cristo sempre será notícia Nova e Boa.

Seja, portanto, o ano de 2020 a celebrar os 55 anos do encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II e os 45 das efemérides da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa São Paulo VI, uma oportunidade para reafirmarmos nosso comprometimento, como cristãos, no empenho sempre renovado. Apresentar Jesus Cristo a todos que ainda não O conhecem, e, ao mesmo tempo, animando e revigorando aqueles que já O seguem destemidos cotidianamente.

1. DO SÍNODO DE 1974

Uma conquista do Concílio Ecumênico foi a retomada dos Sínodos, para um caminhar juntos dos Bispos do mundo todo sob a presidência do Bispo de Roma. Comum na vida da Igreja desde sempre e celebrados com frequência desde a antiguidade. Concluído o Concílio e, permanecendo nos seus passos, a III Assembleia Geral Ordinária, ocorreu em Roma, em 1974. As Assembleias Gerais ganharam vitalidade após o Concílio Ecumênico Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965. O Papa e os bispos reunidos visibilizam a Unicidade da Igreja de Cristo Jesus, testemunhando a Colegialidade. Temas relevantes foram sugeridos, debatidos e apresentados à Igreja e a sociedade. O Sumo Pontífice, Papa São Paulo VI, convocou entre os dias 27 de setembro e 26 de outubro de 1974, a III Assembleia Geral Ordinária, com o Tema: “*A Evangelização no mundo moderno*”.

É missão própria da Igreja anunciar o Evangelho de Cristo Jesus a todo homem e mulher de todos os tempos. Com vigor renovado, os batizados são

chamados sempre a proclamar a Boa Nova trazida pelo Salvador do Gênero Humano. A todo instante somos impelidos a evangelizar à luz da mensagem salutar apresentada pelo Divino Redentor.

O Sínodo dos Bispos, de 1974, apresentou três problemas candentes: 1. “O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar a consciência dos homens? 2. Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? 3. Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz? (EN, 1997, nº 4).

As perguntas sugeridas, em 1974, para a Assembleia dos Bispos, foram pontuais para aquele momento da História, e continuam pertinentes para os dias de hoje. O Papa São Paulo VI e os Bispos participantes voltaram à Fonte, Cristo Jesus e o Evangelho, para evangelizar o mundo, buscando ouvir os homens e mulheres de seu tempo. Perceberam, fundamentalmente, que a força não está, oportuna ou simplesmente, na operosidade e nos métodos da evangelização. A *energia escondida* se encontra na Boa Nova trazida pelo Redentor. O que, de fato, impressiona a consciência dos homens, está na operosidade do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, Luz a iluminar os homens e as mulheres em todos os momentos da História.

A força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Sem dúvida alguma, quem transforma a pessoa humana em Cristo é o próprio Salvador. A força da evangelização é o Redentor, e, se encontra presente na centralidade da mensagem evangélica. A dinâmica da Igreja é apresentar o Evangelho do Bom Pastor, todos os dias e em todos os lugares.

O testemunho de quem prega o Evangelho de Jesus Cristo torna-se o motor propulsor da evangelização. A eficácia de métodos propostos está no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, seguido da coerência da vida do evangelizador. Quem nos salva é Jesus Cristo. A Igreja, formada de batizados e anunciadores, apresenta a Salvação trazida pelo Altíssimo Filho de Deus.

Insistentemente, desde 1974, até os nossos dias, O Magistério Petrino, torna presente a mensagem salutar de Cristo Jesus e seu Evangelho aos homens e mulheres, daquele tempo e do nosso tem-

po. Somos missionários quando anunciamos e testemunhamos o Redentor do Gênero Humano. Lembrando sempre que a eficácia da evangelização se encontra na Sagrada Escritura: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8). (O SÃO PAULO, 2019 a, p.5).

Merece atenção renovada e redobrada da Igreja hoje, quando das preocupações que antecediam a III Assembleia dos Bispos, em 1974. Antes de mais nada aponta nossa atenção a Jesus Cristo e o anúncio que Ele nos deixou sobre o Reino de Deus. Era preciso perceber os sinais dos tempos para adaptar a Igreja e afirmar, enfaticamente, o Evangelho do Redentor.

Alguns passos foram sugeridos antes do Sínodo, que ajudaram os padres sinodais, a se posicionarem frente as urgências do mundo em que viviam. Na sequência, eu apresento um itinerário que entendo ser relevante para a compreensão do magnífico e estupendo Documento do Magistério.

1.1. Na linha do Sínodo de 1974

Esta fidelidade a uma mensagem da qual nós somos os servidores, e às pessoas a quem nós a devemos transmitir intata e viva, constitui o eixo central da evangelização. Ela levanta três problemas candentes, que o Sínodo dos Bispos de 1974 teve constantemente diante dos olhos: O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz? Tais perguntas, no fundo, exprimem o problema fundamental que a Igreja hoje põe a si mesma e que nós poderíamos equacionar assim: Após o Concílio e graças ao Concílio, que foi para ela uma hora de Deus nesta viragem da história, encontrar-se-á a Igreja mais apta para anunciar o Evangelho e para o inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia? Sim ou não? (EN, 1997, n. 4).

1.1.1. Jesus, o primeiro evangelizador

No decorrer do Sínodo, muitas vezes os Bispos lembraram esta verdade: o próprio Jesus, “Evangelho de Deus”, foi o primeiro e o maior dos evangelizadores. Ele foi isso mesmo até o fim, até a perfeição, até o sacrifício da sua vida terrena.

Evangelizar: Qual o significado que teve para Cristo este imperativo? Não é fácil certamente exprimir, numa síntese completa, o sentido,

o conteúdo e os modos da evangelização, tal como Jesus a concebia e a pôs em prática. De resto, uma tal síntese jamais será uma coisa perfeitamente acabada. Aqui, bastar-nos-á recordar alguns dos aspetos essenciais. (EN, 1997, n. 7)

1.1.2. O anúncio do Reino de Deus

Como evangelizador, Cristo anuncia em primeiro lugar um reino, o reino de Deus, de tal maneira importante que, em comparação com ele, tudo o mais passa a ser “o resto”, que é “dado por acréscimo”. Só o reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele. O Senhor comprazer-se-ia em descrever, sob muitíssimas formas diversas, a felicidade de fazer parte deste reino, felicidade paradoxal, feita de coisas que o mundo aborrece; as exigências do reino e a sua carta magna; os arautos do reino; os seus mistérios; os seus filhos; e a vigilância e a fidelidade que se exigem daqueles que esperam o seu advento definitivo. (EN, 1997, n. 8)

2. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII NUNTIANDI

Destaco, nesse momento, as proposições defendidas no Documento do Magistério. Proponho um delineamento proposto na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, e, que hoje merece atenção como itinerário para a evangelização nos nossos dias.

2.1. No centro da mensagem: a salvação em Jesus Cristo

A evangelização há de conter também sempre, ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus. E não já uma salvação imanente ao mundo, limitada às necessidades materiais ou mesmo espirituais, e que se exaurisse no âmbito da existência temporal e se identificasse, em última análise, com as aspirações, com as esperanças, com as diligências e com os combates temporais; mas sim uma salvação que ultrapassa todos estes limites, para vir a ter a sua plena realização numa comunhão com o único Absoluto, que é o de Deus: salvação transcendente e escatológica, que já tem certamente o seu começo nesta vida, mas que terá realização completa na eternidade. (EN, 1997, n. 27).

2.2. Sem confusão nem ambiguidade

Não devemos esconder, entretanto, que numerosos cristãos, ge-

nerosos e sensíveis perante os problemas dramáticos que se apresentam quanto a este ponto da libertação, ao quererem atuar o empenho da Igreja no esforço de libertação, têm frequentemente a tentação de reduzir a sua missão às dimensões de um projeto simplesmente temporal; os seus objetivos a uma visão antropocêntrica; a salvação, de que ela é mensageira e sacramento, a um bem-estar material; a sua atividade, a iniciativas de ordem política ou social esquecendo todas as preocupações espirituais e religiosas. No entanto, se fosse assim, a Igreja perderia o seu significado próprio. A sua mensagem de libertação já não teria originalidade alguma e ficaria prestes a ser monopolizada e manipulada por sistemas ideológicos e por partidos políticos. Ela já não teria autoridade para anunciar a libertação, como sendo da parte de Deus. Foi por tudo isso que nós quisermos acentuar bem na mesma alocução, quando da abertura da terceira Assembleia Geral do Sínodo, “a necessidade de ser reafirmada claramente a finalidade especificamente religiosa da evangelização. Esta última perderia a sua razão de ser se se apartasse do eixo religioso que a rege: o reino de Deus, antes de toda e qualquer outra coisa, no seu sentido plenamente teológico. (EN, 1997, n. 32)

2.3. A liberdade religiosa

Desta justa libertação, ligada à evangelização e que visa alcançar o estabelecimento de estruturas que salvaguardem as liberdades humanas, não podem ser separadas da necessidade de garantir todos os direitos fundamentais do homem, entre os quais a liberdade religiosa ocupa um lugar de primária importância. Tivemos ocasião de falar, ainda há pouco, da atualidade deste problema, pondo em relevo que há “muitos cristãos, ainda hoje, que vivem sufocados por uma opressão sistemática, pelo fato de serem cristãos, pelo fato de serem católicos! O drama da fidelidade a Cristo e da liberdade de religião, se bem que dissimulado por declarações categóricas em favor dos direitos da pessoa e das relações humanas em sociedade, é um drama que continua! (EN, 1997, n. 39).

2.4. Indispensável contato pessoal

E é por isto que, ao lado da proclamação geral para todos do Evangelho, uma outra forma da sua transmissão, de pessoa a pessoa, continua a ser válida e importante. O mesmo Senhor a pôs em prática muitas vezes, por exemplo as conversas com Nicodemos, com Zaqueu, com a Samaritana, com Simão, o fariseu, e com outros, atestam-no bem, assim como os apóstolos. E vistas bem as coisas, haveria uma outra forma melhor de transmitir o Evangelho, para além da que consiste em comunicar a outrem a sua própria experiência de fé? Importaria, pois, que a urgência de anunciar a Boa Nova às multidões de homens, nunca fizesse esquecer esta forma

de anúncio, pela qual a consciência pessoal de um homem é atingida, tocada por uma palavra realmente extraordinária que ele recebe de outro. Nós não poderíamos dizer nunca e enaltecer bastante todo o bem que fazem os sacerdotes que, através do sacramento da Penitência ou através do diálogo pastoral, se demonstram dispostos a orientar as pessoas pelas sendas do Evangelho, a ajudá-las a firmarem-se nos seus esforços, a auxiliá-las a reerguer-se se porventura caíram, enfim, a assisti-las continuamente, com discernimento e com disponibilidade. (EN, 1997, n. 46).

2.5. Destinação universal

As últimas palavras de Jesus no Evangelho de São Marcos conferem à evangelização, de que o Senhor incumbe os apóstolos, uma universalidade sem fronteiras: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”. Os doze e a primeira geração dos cristãos captaram bem a lição deste texto e de outros semelhantes; e assim, fizeram deles um programa de ação. A própria perseguição, ao dispersar os apóstolos, contribuiu para a difusão da Palavra e para que se implantasse a Igreja em muitas regiões, ainda as mais longínquas. A admissão de Paulo nas fileiras dos apóstolos e o seu carisma de pregador da vinda de Jesus Cristo aos pagãos acentuou também essa mesma universalidade. (EN, 1997, n. 49).

2.6. Anúncio ao mundo descristianizado

Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se demonstra cada dia mais necessário, e isto por causa das situações de descristianização frequentes nos nossos dias, igualmente para multidões de homens que receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância, e para muitos outros ainda. (EN, 1997, n. 52).

2.7. Perspectiva da Igreja particular

Entretanto, esta Igreja universal encarna-se de fato nas Igrejas particulares; e estas são constituídas por tal ou tal porção da humanidade em concreto, que fala uma determinada linguagem e é tributária de uma certa herança cultural, de uma visão do mundo, de um passado histórico e, enfim, de um substrato humano específico. A abertura para as riquezas da Igreja particular corresponde a uma sensibilidade especial do homem contemporâneo. Guardemo-nos bem, no

entanto, de conceber a Igreja universal como sendo o somatório, ou, se se preferir dizê-lo, a federação mais ou menos anômala de Igrejas particulares essencialmente diversas. No pensamento do Senhor é a Igreja, universal por vocação e por missão, que, ao lançar as suas raízes na variedade dos terrenos culturais, sociais e humanos, se reveste em cada parte do mundo de aspectos e de expressões exteriores diversas.

Assim, toda a Igreja particular que se separasse voluntariamente da Igreja universal perderia a sua referência ao desígnio de Deus e empobrecer-se-ia na sua dimensão eclesial. Mas, por outro lado, uma Igreja *toto urbe diffusa* (espalhada por todo o mundo) tornar-se-ia uma abstração se ela não tomasse corpo e vida precisamente através das Igrejas particulares. Só uma atenção constante aos dois polos da Igreja nos permitirá aperceber-nos da riqueza desta relação entre Igreja universal e Igrejas particulares. (EN, 1997, n. 62).

2.8. Inalterável conteúdo da fé

Neste sentido, precisamente, houvermos por bem dizer uma palavra clara e repassada de afeto paterno, na altura do encerramento das sessões do Sínodo, insistindo sobre a função do sucessor de São Pedro como princípio visível, vivo e dinâmico da unidade entre as Igrejas e, por conseguinte, da universalidade da única Igreja. Insistíamos também na mesma ocasião na grave responsabilidade que sobre nós incumbe, mas que nós compartilhamos com os nossos Irmãos no Episcopado, de manter inalterável o conteúdo da fé católica que o Senhor confiou aos Apóstolos: traduzido em todas as linguagens, este conteúdo nunca há de sofrer amputações ou ser mutilado; mas sim, revestido pelos símbolos próprios de cada povo, explicitado com as expressões teológicas que têm em conta os meios culturais, sociais e até mesmo raciais diversos, ele deve permanecer o conteúdo da fé católica tal como o magistério eclesial o recebeu e o transmite. (EN, 1997, n. 65).

Os números escolhidos e apresentados vislumbram a necessidade de olhar e viver em sociedade. As fomentações do homem e mulher contemporâneos e suas preocupações demandam da esperança e confiança, à luz do imutável conteúdo da fé, Jesus Cristo.

3. DA EN AO NOSSO TEMPO

Reiteradamente a Igreja professa o seguimento em Jesus Cristo e o anuncia destemidamente ao mundo. Somos, como cristãos batizados em nome da Trindade Santa, conclamados a proclamar contínua e cotidianamente o Evangelho da Vida. Jesus Cristo anuncia a Boa Nova. Enviado pelo Pai, no

Espírito Santo, o Filho proclama o Reino de Deus. “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Para isso é que fui enviado” (Lc 4, 43).

O Apóstolo Paulo proclama o Evangelho de Cristo Jesus. Finda sua missão, Cristo Jesus delega aos seus a continuidade em proclamar a Boa Nova. O Filho é o enviado do Pai para proclamar o Reino; agora o Filho Altíssimo envia os Apóstolos, em missão permanente, para dilatar o Evangelho. “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes uma necessidade que se impõe. “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho” (1 Cor 9, 16).

A Igreja será sempre convocada a evangelizar à luz da Boa Nova de Cristo Jesus. A Esposa de Cristo Jesus é continuamente chamada a proclamar as maravilhas do Evangelho. Os seguidores de Cristo Jesus reiteradamente são conclamados a anunciar a Boa Nova de Cristo Jesus.

Os laços recíprocos entre a Igreja e a evangelização são permanentes. Quem quer que releia no Novo Testamento as origens da Igreja e queira acompanhar passo a passo a sua História e, enfim, a examine em sua vida e ação, verá que ela se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo.

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus Cristo e dos doze Apóstolos. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização: “Ide, pois, ensinai todas as gentes”. Ora “aqueles que acolheram a sua Palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas... E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos”. Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus Cristo. A Igreja permanece no mundo quando o Senhor da Glória voltou para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência, Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizado, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo. Nela, a vida íntima, vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão, não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo. Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua

esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa de ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. Numa palavra, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho. O Concílio Ecumênico Vaticano II recordou e depois o Sínodo de 1974 retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade. A Igreja é depositária da Boa Nova que há de ser anunciada. As promessas da nova aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, a Palavra da vida, as fontes da graça e da benignidade de Deus, o caminho da salvação, tudo isto lhe foi confiado. É o conteúdo do Evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para manter escondido, mas sim para o comunicar.

Enviada e evangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores. É ela que coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade. (EN, 1997, n. 15)

O Papa Francisco lembrou-nos da Criação (FRANCISCO, 2015), como casa comum; da Família (FRANCISCO, 2016), como lugar de receber o anúncio do Evangelho; da alegria do Anúncio (FRANCISCO, 2013), como a missão deixada pelo Ressuscitado; e, mostrou-nos Deus, como rosto da Misericórdia (FRANCISCO, 2015). Desde a Misericórdia (LEVA, 2016, p. 77-89; SUESS, 2017), diz-nos, o Sumo Pontífice, somos chamados a testemunhar Cristo Jesus, como Igreja permanentemente em saída (LEVA, 2017, p. 108-117; LEVA, 2018, p. 31-42). Somos, sim, Batizados e enviados, como Igreja de Cristo, em missão permanente no mundo.

CONCLUSÃO

As Assembleias Gerais ganharam vitalidade após o Concílio Ecumênico Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965. O Papa e os bispos reunidos visibilizam a Unicidade da Igreja de Cristo Jesus, testemunhando a Colegialidade. Temas relevantes foram sugeridos, debatidos e apresentados à Igreja e a sociedade. O Sumo Pontífice, Papa São Paulo VI, convocou, para os dias 27 de setembro

e 26 de outubro de 1974, a III Assembleia Geral Ordinária, com o Tema: “A Evangelização no mundo moderno”.

É missão própria da Igreja anunciar o Evangelho de Cristo Jesus a todo homem e mulher de todos os tempos. Com vigor renovado, os batizados são chamados sempre a proclamar a Boa Nova trazida pelo Salvador do Gênero Humano. A todo instante somos impelidos a evangelizar à luz da mensagem salutar apresentada pelo Divino Redentor.

O Sínodo dos Bispos, de 1974, apresentou três problemas candentes: “O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz? (EN, 1997, n. 4).

As perguntas sugeridas, em 1974, para a Assembleia dos Bispos, são pontuais para os dias de hoje. O Papa São Paulo VI e os Bispos participantes voltaram à Fonte, Cristo Jesus e o Evangelho, para evangelizar o mundo, buscando ouvir os homens e mulheres de seu tempo. Perceberam, fundamentalmente, que a força não está, oportuna ou simplesmente, na operosidade e nos métodos da evangelização. A *energia escondida* se encontra na Boa Nova trazida pelo Redentor. O que, de fato, impressiona a consciência dos homens está na força do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, Luz a iluminar dos os homens e em todos os momentos da História.

A força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Sem dúvida alguma, quem transforma o homem a Cristo é o próprio Cristo Jesus. A força da evangelização é Cristo e se encontra presente na centralidade da mensagem evangélica. A dinâmica da Igreja é apresentar o Evangelho todos os dias e em todos os lugares.

O testemunho de quem prega o Evangelho de Jesus Cristo torna-se o motor propulsor da evangelização. A eficácia de métodos propostos está no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, seguido da coerência da vida do evangelizador. Quem nos salva é Jesus Cristo. A Igreja, formada de batizados e anunciadores, apresenta a Salvação trazida pelo Altíssimo Filho de Deus.

Desde 1975, com a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, até os nossos dias, O Magistério Petrino, torna presente a mensagem salutar de Cristo Jesus e seu Evangelho aos homens e mulheres, daquele tempo e do nosso tempo. Somos missionários quando anunciamos e testemunhamos o Redentor do Gênero Humano. Lembrando sempre que a eficácia da evangelização se encontra na Sagrada Escritura: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8).

Sendo assim, o Artigo *Nos passos do Concílio - Igreja sempre chamada a evangelizar* quis fazer uma leitura da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* revisitando o Documento e encontrando nele uma pérola preciosa a ser relida muitas vezes. Ao mesmo tempo, quis propor um itinerário, marcadamente como Igreja *Ad Gentes*. Somos impelidos à missão e devemos estar sempre prontos em fazê-la. A Igreja é de Cristo Jesus e Ele nos quer, como Igreja, que estejamos sempre mergulhados na sociedade para transformá-la nos valores que Ele nos anunciou. Portanto, bebendo da Fonte da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sejamos sempre e disponíveis portadores do Evangelho de Cristo Jesus.

O Papa Francisco lembrou-nos a missão deixada pelo Ressuscitado, quando convocou para outubro de 2018, o Mês Missionário Extraordinário. Somos chamados a testemunhar Cristo Jesus como Igreja permanentemente em saída. O Pontífice apresentou e refletiu sobre o Tema: “Batizados e enviados. A Igreja de Cristo em missão no mundo”.

A *missão deixada pelo ressuscitado* nós a encontramos na Sagrada Escritura. Assim lemos: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28, 18-19). Nesses versículos encontramos o Programa Missionário da Igreja. A proposta do Redentor para o itinerário da Igreja é estar em permanente estado de missão. Todos os dias somos convocados a sair e anunciar o Reino de Deus.

Primeiramente, lemos que a autoridade é de Cristo Jesus. Ele é o Salvador da Humanidade. A Ele foi dada toda a autoridade no céu e na terra. Cristo Jesus orienta ao seu discipulado a irem ao mundo todo para fazer novos discípulos. Somos seus discípulos e discipulas e Ele sugere que todos os homens

e mulheres sejam seus seguidores. O mandato do discipulado é de Jesus Cristo. A Igreja cumpre a missão do Bom Pastor.

Para o discipulado apresentamos o Batismo. Somos mergulhados numa vida nova. Somos batizados em nome da Trindade Santa e somos convocados a submergir os novos seguidores de Divino Mestre no Batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Igreja exerce o mandato do Filho de Deus e ter n'Ele a filiação.

Para sermos membros da Igreja de Cristo Jesus, além do Batismo, precisamos observar tudo o que Ele ensinou aos Apóstolos. Em continuidade devemos também, como batizados e missionários, anunciá-lo a todos que ainda não O conhece.

Muitas são as dificuldades enfrentadas na missão de evangelizar. Encontramos situações adversas na sociedade individualista e contrárias à mensagem do Redentor. Intempéries emergem, também, na família, no ambiente de trabalho e, até mesmo, dentro das comunidades eclesiais. Devemos permanecer firmes no bom propósito de seguir Jesus Cristo todos os dias.

As dificuldades para evangelizar conhecemos decor. As mazelas se apresentam cotidianamente. Somos felizes porque encontramos no Evangelho de Cristo Jesus, o Programa de Vida do Missionário. O Papa Francisco nos apresentou o Mês Missionário Extraordinário, como "Batizados e enviados. A Igreja de Cristo em missão no mundo". Lembremo-nos com alegria que o Senhor assim nos disse: "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28, 19). Portanto, com alegria e renovado empenho, sejamos portadores da mensagem do Divino Mestre. (O SÃO PAULO, 2019b, p.5).

BIBLIOGRAFIA

- Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Documentos da Igreja. Documentos de Paulo VI. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi. São Paulo: Paulus, 1997.
- LEVA, J.U. Obras de Misericórdia Espirituais. A Misericórdia fala ao nosso coração. In: Misericórdia e vida acadêmica. São Paulo: EDUC, 2016, pp. 77-89.
- LEVA, J.U. Claretianos e os desafios pastorais: Igreja em saída. REVELETEO. Vol. 11, n. 19, jan/jun, 2017, p. 108-117.
- LEVA, J.U. Da convocação de Cristo Jesus à eclesiologia do Papa Francisco. REVELETEO. Vol. 12, n. 22, jul/dez, 2018, pp. 31-42.

- O São Paulo. Semanário da Arquidiocese de São Paulo. Ano 64. Edição 3273, 6 a 12 de novembro de 2019 a.
- O São Paulo. Semanário da Arquidiocese de São Paulo. Ano 64. Edição 3274, 13 a 19 de novembro de 2019 b.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho - Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus-Loyola, 2013.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica. Laudato Si. Louvado sejas - Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus - Loyola, 2015.
- PAPA FRANCISCO. Misericordiae Vultus. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Documentos Pontifícios – 20. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Amoris Laetitia. A alegria do amor - Sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.
- SUESS, P. Missão e Misericórdia. A transformação missionária da Igreja segundo a Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulinas, 2017.